V. 214.

Abbate Segatto.

1867.

NOTICIA

SOBRE A VIDA

DE

D. VASCO DA GAMA

POR

MATHIAS JOSÉ DE OLIVEIRA DOS SANCTOS FIRMO

.....não é premio vil ser conhecido
Por um pregão do ninho meu paterno.
(CAM.—*Lusiad.*, cant. 1.°, est. 10.ª)

LISBOA
IMPRENSA SILVIANA
Calçada do Monturo do Collegio, 8.

1867

M.r Henry Stanley, escreveu, acerca das navegações de Vasco da Gama, um opusculo. London.

São falsos todos os exemplares que apparecerem sem a assignatura do auctor.

Mathias J. O. S. Firmo.

AO ILL.mo SR.

DR. PAULO MIDOSI,

EM TESTIMUNHO DE GRATIDÃO,

OFFERECE RESPEITOSAMENTE

O AUCTOR.

AOS LEITORES

Descrevendo, no presente opusculo, os feitos de D. Vasco da Gama, diligenciámos ser exactos na nossa humilde narrativa, documentando os ponctos que julgámos necessario, e indicando os erros em que teem caido varios escriptores.

Continuâmos a publicar os nossos trabalhos litterarios, animados mais pelo gôsto de os levar a cabo, do que pela esperança de interêsses pecuniarios—pois estamos em uma epocha em que so encontram acolhimento no vulgo—as más traducções de novellas, e os folhetins *espirituosos*, que teem *immortalisado* muita gente.

Póde dizer-se afoutamente, que, n'este paiz, as producções historicas, teem a mesma acceitação que as bibliographicas; a respeito das quaes, um nosso distincto litterato [1], fallando

[1] O sr. Innocencio Francisco da Silva.—Vidè —*Carta apologetica*, pag. 10.

do acolhimento que encontram, disse acertadamente, que livros de tal ordem — «servirão, quando muito, para arrear as estantes virgens de alguns poucos bibliomaniacos que por ca temos;..... o grosso dos nossos litteratos *do dia*, nem os abre, nem os lê. Se o acaso lh'os depara debaixo da mão, apressam-se a pol-os de lado, com ar desdenhoso, e dizem entre si, com um compassivo surriso:— *¡Em que este pobre diabo gastou o seu tempo!*»

Outro tanto dirão alguns, dos nossos insignificantes trabalhos historicos; porém, nós, animados pela idéa de que poderemos ser uteis ás classes populares, espargindo os conhecimentos dos fastos da história portugueza, proseguiremos no nosso proposito; tencionando em breve tractar do navegador Pedro Alvares Cabral, como promettemos aos leitores, no prologo á *Noticia sôbre a vida e escriptos do infante D. Henrique.*

Lisboa, 11 de fevereiro de 1867.

O AUCTOR.

NOTICIA

SOBRE A VIDA

DE

D. VASCO DA GAMA

Que para si de Eneas toma a fama.
(Cam. — *Lusiad.*, cant. 1.º est. 12.)

Era um Nestor reflectindo,
Um Ajax a combater.
(*Indianas*, pelo sr. Mendes Leal, junior.)

O maior elogio que se póde tecer a um heroe, é, sem duvida, a enumeração dos seus feitos; e por isso passâmos a tractar da vida do grande D. Vasco da Gama, que levou a cabo, por mandado do seu soberano, a mais importante de todas as tentativas nauticas d'aquella epocha—o descobrimento da India; empreza tam feliz para o vassallo que a realisou,

como para o afortunado monarcha que d'ella o encarregára.

D. Vasco da Gama, era natural da villa de Sines [1], na provincia do Alem-Tejo. Seu pae, Estevão da Gama, foi alcaide-mor de Sines e Silves; commendador do Seixal; criado do infante D. Fernando, pae de el-rei D. Manuel e vedor da casa do principe D. Affonso, filho de el-rei D. João II. Sua mãe, D. Isabel Sodré, era filha de João de Resende, provedor das vallas de Santarem.

Descendia de D. Vasco o celebrado cantor dos lusiadas, o grande Luis de Camões, em consequencia do casamento do avô d'este poeta, Antão Vaz de Camões, com D. Guiomar da Gama, da familia dos Gamas; de cujo consorcio nasceu Simão Vaz de Camões, pae de Luis de Camões.

Casou D. Vasco com D. Catharina de Athaide, filha de Alvaro de Athaide, senhor de Penacova, e alcaide-mor de Alvor; de cuja senhora teve D. Francisco da Gama, 2.º conde da Vidigueira, senhor da mesma villa e da de Frades, almirante-mor da India e estribeiro-mor de el-rei D. João III; do qual D. Fran-

[1] Tanto ésta nota como as que seguem achamse no fim d'esta *Notícia*.

cisco da Gama, procede a excellentissima casa dos marquezes de Nisa, pois que D. Vasco Luis da Gama, 5.° conde da Vidigueira, 3.° neto de D. Vasco da Gama, foi o 1.° marquez de Nisa. Teve mais D. Vasco, da supracitada D. Catharina de Athaide, os seguintes filhos: — D. Estevão, que foi governador da India; D. Paulo, que foi capitão de Malaca; D. Christovão; D. Pedro da Silva, que foi capitão de Malaca; D. Alvaro de Athaide; e D. Isabel de Athaide, que casou com D. Ignacio de Noronha, filho herdeiro do 1.° conde de Linhares, D. Antonio de Noronha.

Succedendo alguns corsarios francezes tomarem uma caravela portugueza que vinha da Mina, carregada de ouro, el-rei D. João II, que então reinava, desejando providenciar ácêrca d'esta occurrencia, reuniu conselho, onde os conselheiros que o compunham foram de parecer que se enviasse uma pessoa a el-rei de França; porém D. João, discordando, disse que essa pessoa podia ser mal ouvida ou trazida em dilações, o que o maguaria mais do que a perda do ouro. E retirando-se do conselho, mandou logo tomar e recolher na alfandega, todas as mercadorias que estavam a bordo de dez grandes naus francezas, que se achavam no porto de Lisboa; mandan-

do tirar a éstas as vergas e governalhos e lançar fóra d'ellas os francezes.

Em seguida, enviou D. Vasco da Gama, que *servia em armadas* [2], a diversos portos do reino, com podères para fazer outro tanto aos navios francezes que n'elles se achassem; o que D. Vasco cumpriu com muita brevidade.

Este proceder de D. João, deu causa a que os donos dos navios se queixassem a el-rei de França, que enviou a caravela, com tudo quanto ella encerrava; mandando ainda pedir desculpas a D. João II [3], o qual, segundo declara um nosso escriptor, se houve tam escrupulosamente no recebimento da caravela e mercadorias n'ella contidas, que é tradição, que faltando um papagaio, não quiz que se levantasse o embargo nos navios francezes, sem que aquella ave fosse restituida [4].

Achando-se D Manuel, em Monte-mor-o-Novo, e desejando proseguir os descobrimentos que tam auspiciosamente mandára começar o infante D. Henrique, reuniu, no mez de dezembro de 1495, para esse fim alli conselho, no qual alguns foram de opinião que se não continuasse n'aquellas viagens, porém el-rei foi do parecer d'aquelles que se oppunham a este voto; por cuja rasão mandou desde logo

apparelhar navios [5]; e estando em Extremoz, no mez de janeiro de 1497, nomeou D. Vasco capitão-mor d'elles [6].

Passado isto, achando-se prompta a armada onde havia de ir D. Vasco, mandou el-rei novamente chamar este a Monte-mor-o-Novo, e d'alli, depois de lhe dar as instrucções necessarias para levar a cabo a empreza do descobrimento da India, o despedio, vindo D. Vasco para Lisboa [7].

Da ermida do Restello [8], situada então no logar onde hoje se eleva a sumptuosa egreja de Belem, que em memoria do descobrimento da India, mandára edificar el-rei D. Manuel [9], partiu D. Vasco, acompanhado de seu irmão Paulo da Gama; e embarcando cada um d'elles no navio, cujo commando lhe tinha sido confiado, deixaram o Tejo, a 8 [10] de julho de 1497.

Compunha-se a armada de quatro navios [11], a saber:—S. Gabriel, onde ia por capitão-mor D. Vasco; por piloto Pero de Alemquer, que acompanhára Bartholomeu Dias ao descobrimento do cabo da Boa-Esperança, e por escrivão Diogo Dias, irmão de Bartholomeu Dias;— S. Raphael, capitão Paulo da Gama, piloto João de Coimbra, e escrivão João de Sa;—Berrio, capitão Nicolau Coelho, piloto

Pero Escolar, e escrivão Alvaro de Braga; — e a nau dos mantimentos, capitão Gonsalo Nunes, criado de D. Vasco [12].

Todos estes navios levariam, incluindo mareantes e homens de armas, cêrca de cento e septenta pessoas [13].

Em companhia dos navios, até ás alturas da Mina, ia uma caravela, commandada por Bartholomeu Dias [14].

Deixando, D. Vasco, o Tejo, como ja dissemos, a 8 de julho de 1497, descobriu, ao quinto mez de navegação, uma bahia, que denominou angra de Sancta-Helena [15]; onde lançou ferro a armada, a 8 de novembro.

N'esta paragem, um soldado chamado Fernão Velloso, pediu licença a D. Vasco, para ir ver as habitações dos negros; e annuindo aquelle capitão ao pedido de Velloso, este partiu para terra, onde foi bem recebido pelos negros, com os quaes comeu de um lobo marinho que elles tinham assado. Porém, Velloso, querendo voltar para os navios, chegou á praia, e chamou pelos seus companheiros, os quaes, indo-o buscar, quando o recolhiam no batel, começaram os negros a atirar com azagaias que traziam; sendo ferido D. Vasco n'essa occasião, e mais tres ou quatro homens [16].

Depois de se acharem limpos os navios,

partiu D. Vasco d'alli, a 16 de novembro, e ignorando a distancia em que estava do cabo da Boa-Esperança, continuando a sua derrota, avistou-o afinal a 18 do referido mez; - vindo a passar a armada pelo dicto cabo, a 22 de novembro [17].

A 25, entrou na angra de S. Braz, onde mandou D. Vasco, por isso que era essa uma das instrucções que levava, desfazer a nau dos mantimentos, distribuindo os que n'ella havia pelas outras embarcações; e a 6 de dezembro, collocaram os portuguezes em terra uma cruz e um padrão, que foram derribados pelos negros, no dia seguinte; partindo d'aqui a armada a 8 de dezembro.

A 15, avistaram os portuguezes os ilheus Chãos, cinco leguas distante do logar onde Bartholomeu Dias tinha posto o último padrão, quando alli chegou [18]; e era a meta da navegação até ao reinado de el-rei D. João II.

A 25 de dezembro, achou D. Vasco ter descoberto por costa septenta leguas [19].

A 10 [20] de janeiro de 1498, descobriu o rio que se denominou do Cobre; e á terra, em consequencia da boa recepção que os portuguezes alli tiveram, se deu o nome de Boa-Gente.

Continuando D. Vasco a navegar a 15 de

janeiro, descobriu a 25 um grande rio, o qual recebeu a denominação dos Bons-Signaes, em rasão de D. Vasco ter alli obtido boas informações concernentes á sua empreza. N'este logar se deu pendor aos navios, e se collocou o padrão intitulado S. Raphael; e D. Vasco teve o desgôsto de ver adoecer parte da sua gente, por effeito de *scorbuto*, doença que tam fatal foi aos navegantes portuguezes.

Continuando viagem a 24 de fevereiro, a 1 de março, descobriu quatro ilhas, tomando terra na de Moçambique.

Seguindo, D. Vasco, viagem, a 11 de março, a demandar o porto de Quiloa, não o pôde encontrar, por cuja rasão, navegando avante, chegou a 7 de abril a Mombaça.

Partindo d'esta cidade a 13 do mesmo mez, a 14 chegou a Melinde, onde fundeou a armada.

D'este porto, tomando D. Vasco o piloto que lhe mandou dar o rei de Melinde, partiu para Calecut a 24 de abril.

A 20 de maio, surgiu a duas leguas distante de Calecut, de cujo logar partiu para Pandarane; e tendo noticia que o samorim estava em Calecut, indo-lhe fallar [21], este o recebeu benignamente, promettendo-lhe mandar embaixadores a Portugal.

Entretanto os mouros receosos da concurrencia, que os portuguezes para o futuro lhes poderiam fazer no commercio, intentaram demoral-os no porto, até que chegassem as naus de Meca, que destruissem o seu podêr. No entanto empregavam todos os esforços para que D. Vasco mandasse chegar os navios mais para terra, ao que este nunca annuiu, receoso de alguma traição.

Vendo os mouros que nada conseguiam, disseram a D. Vasco que mandasse desembarcar as mercadorias, pois que n'aquelle paiz era uso desembarcarem logo, e que em quanto se não vendiam não voltava o mercador para bordo.

Então D. Vasco, escrevendo a seu irmão, mandou-lhe dizer que enviasse as fazendas, as quaes elle logo remetteu; o que visto pelos mouros, deixaram embarcar D. Vasco e os que com elle estavam, dos quaes dois [22] ficaram em terra em guarda das mercadorias; e embarcando D. Vasco, decorridos cinco dias mandou participar ao samorim o que passára com os mouros, mandando-lhe este dizer que os castigaria em vista do seu proceder.

Finalmente chegado o tempo da partida de D. Vasco, enviou este ao samorim, por Diogo Dias, um serviço de alambre, alguns coraes,

e outras cóisas [23], mandando-lhe dizer, que, como voltava a Portugal, desejava saber se elle queria enviar embaixadores a este paiz. Que lhe deixava um feitor, um escrivão, e outras pessoas com as mercadorias; e que outro-sim lhe rogava lhe enviasse um bahar [24] de cannella, outro de cravo, e eguaes porções de outras especiarias para amostra, as quaes o feitor pagaria.

O samorim recebendo Diogo Dias com mau semblante, lhe disse que entregasse os objectos que levava ao seu feitor; e que dissesse a D. Vasco, que visto querer partir, mandar-lhe-hia dar seiscentos xerafins [25], quantia ésta que era costume dar aos mercadores que alli iam.

Despedindo-se, Diogo Dias, do samorim, alguns mouros o acompanharam a Calecut, onde se achavam as mercadorias, e alli o mandaram guardar por alguns dos seus; apregoando por toda a cidade que ninguem enviasse barcas aos navios.

Conhecendo os portuguezes, que estavam presos, mandaram um negro aos navios, afim de relatar a situação em que se achavam, o que causou grande tristeza.

Entretanto, não obstante as prohibições acima dictas, foram aos navios cêrca de vinte

e cinco pessoas, das quaes D. Vasco tomou dezenove; e mandando uma carta ao samorim, n'ella lhe dizia que lhe enviasse os portuguezes que tinha presos, que elle lhe remetteria os homens que tomára; porém, não recebendo resposta á mesma carta, a 21 de agosto, fez-se de vela, dizendo que voltava para Portugal, e foi pousar a sota-vento de Calecut, cêrca de quatro leguas; o que sabido pelo samorim, mandou logo chamar Diogo Dias, e, recebendo-o benignamente, lhe preguntou, porque tinha D. Vasco tomado os homens que ja referimos; e dizendo-lhe Diogo Dias que tinha sido em rasão de não consentirem que elle e os outros portuguezes fossem para os navios, lhe tornou o samorim, que partisse para bordo, e dissesse a D. Vasco que mandasse as pessoas que tinha retidas, e o padrão que queria collocar em terra. N'esta occasião enviou tambem a D. Vasco uma carta para D. Manuel, que fôra escripta por Diogo Dias, em uma folha de palmeira; a qual carta dizia [26]:

«Vasquo da Gama fidalguo de vossa casa vêo a minha terra, com o qual eu folgney. Em minha terra ha muita quanella e muito cravo e gingibre e pimenta e muitas pedras preçiosas, e o que quero da tua he ouro e prata e corall e escrallata.»

A 27 de agosto, mandaram os mouros septe barcas aos navios, com muita gente, onde ia Diogo Dias, e outro portuguez que com elle estava [27], não levando as mercadorias; D. Vasco, porém, vendo-os a bordo, não quiz que voltassem para Calecut, e dando aos mouros o padrão e seis homens dos mais principaes que tinha retidos, lhes disse que trouxessem as mercadorias no dia seguinte, e que então lhes daria o numero restante das pessoas que tinha a bordo.

Voltando os mouros no dia seguinte, disseram aos portuguezes que pozessem os homens, que tinham retidos, em uma das suas barcas, onde elles poriam as mercadorias; porém D. Vasco, parecendo-lhe isto engano, lhes disse que se retirassem, pois que elle não queria as mercadorias, e so sim levar para Portugal os homens que tinha a bordo; e partindo para este reino a 29 de agosto, trouxe tambem um mouro, por nome Monçaide, que prestára grandes serviços aos portuguezes em Calecut.

Descobriu ainda D. Vasco, a 15 de septembro, os ilheus de Sancta-Maria, assim chamados, em consequencia da denominação do padrão que alli se collocou; bem como, a 24 do mesmo mez, descobriu a ilha de Anchedi-

va, onde os portuguezes espalmaram os navios Berrio e S. Gabriel.

Surgindo a armada em Melinde, onde os portuguezes foram bem recebidos, deixou D. Vasco um padrão, afim de ser alli collocado; e recebendo um embaixador que o rei d'aquelle paiz mandava á el-rei de Portugal, partiu d'aquella cidade.

Chegando a armada aos baixos de S. Raphael, mandou D. Vasco lançar fogo ao navio d'este nome, não so por fazer muita agua, como tambem pela impossibilidade de podêrem navegar tres embarcações com tam pouca gente; e partindo d'alli, passou, com vento favoravel, o cabo da Boa-Esperança, a 20 de março [28].

O *Roteiro*, que até aqui temos seguido, deixa agora de nos auxiliar na nossa narração, por isso que não alcansa alem do dia 25 de abril de 1499, e portanto, nós, continuando-a, seguiremos os testimunhos dos historiadores que iremos citando nos logares competentes.

Barros [29], e Goes [30], dizem que D. Vasco, chegando a Cabo-Verde, soffrêra um forte temporal, o qual obrigára a apartar-se de D. Vasco, Nicolau Coelho, que chegou á barra de Lisboa a 10 de julho [31]. Que, entre-

tanto, D. Vasco, tendo chegado á ilha de Sanct'lago, em consequencia de seu irmão se achar doente, dera o commando da sua nau a João de Sa, e fretando uma caravela, navegára para o reino; porém, que aggravando-se a doença de seu irmão, arribára á ilha Terceira, e alli assistira ao fallecimento d'elle; depois do que, partindo, chegou a Lisboa, a 29 de agosto de 1499, onde foi recebido com grande solemnidade [32].

El-rei D. Manuel, em remuneração dos serviços prestados por D. Vasco, fez-lhe merce, por carta régia dada em Lisboa, a 10 de janeiro de 1502 [33], de trezentos mil réis de renda de juro e herdade, para elle e todos os seus descendentes, e do titulo de almirante da India; que em cada anno podessem mandar á India, elle, ou, por sua morte, os seus descendentes, duzentos cruzados, empregando-os nas mercadorias que lhes aprouvessem, sem pagarem direito algum, excepto a vintena á ordém de Christo; assim como lhe deu o titulo de *dom*, para si e seus descendentes.

Tambem lhe conferiu a graça de podêr trazer, no meio do escúdo das armas de sua linhagem, as quinas reaes portuguezas [34].

Segunda vez passou D. Vasco á India, por

mandado de el-rei D. Manuel, a 10 de fevereiro de 1502 [35], por capitão-mor de dez velas [36], com o titulo de almirante da India; nomeação que lhe havia conferido D. Manuel, como já dissemos.

Passando por Quiloa, submetteu o rei d'esta terra, á obediencia do de Portugal, fazendo-o tributario á coroa portugueza, em mil e quinhentos meticaes de ouro [37], e não em dois mil, como dizem todos os escriptores, excepto Barros, que declara que foram quinhentos.

Voltando a Portugal, a 1 de septembro de 1503 [38], entregou a el-rei D. Manuel a primeira prestação do referido tributo, do qual ouro, o mesmo monarcha, mandou fabricar uma rica custodia, que doou ao convento de Belem [39].

Por carta régia passada em Lisboa a 20 de fevereiro de 1504, foi dada a D. Vasco, a contar do dia 1 de janeiro do mesmo anno, a pensão de quatrocentos mil réis [40].

Tambem lhe fez merce, el-rei D. Manuel, do titulo de conde da Vidigueira [41], cuja graça lhe foi conferida pelos annos de 1519 a 1521 [42].

A 9 de abril de 1524 [43], passou D. Vasco terceira vez á India, por mandado de D.

João III, que então reinava, para governar aquelle estado, com o titulo de vice-rei; levando em sua companhia D. Estevão, e D. Paulo da Gama, seus filhos.

Achando-se D. Vasco em Cochim, adoeceu gravemente, vindo a fallecer a 24 [44] de dezembro de 1524 [45].

Foi sepultado o seu cadaver na capella-mor do mosteiro de S. Francisco d'aquella cidade, onde permaneceu até 1538, em cujo anno, por se dar cumprimento ao seu testamento, veio trasladado para Portugal [46], para a egreja de Nossa Senhora das Reliquias, pertencente ao convento dos carmelitas-calçados, distante um quarto de legua da villa da Vidigueira [47].

No presbyterio da referida egreja, do lado da epistola [48], está a sua sepultura, tendo, sôbre a campa, o seguinte epitaphio:

> *Aqui jaz o grande argonauta D. Vasco da Gama, 1.º conde da Vidigueira, almirante das Indias-Orientaes, e seu famoso descobridor.*

Alguns escriptores attribuem á penna de D. Vasco, a *Relação da viagem que fez á India em o anno de* 1497 [49].

Porém, ésta obra, segundo as opiniões dos doctos edictores da 1.ª edição do *Roteiro da viagem de Vasco da Gama*, é um sonho bibliographico [50].

Julgam provavel, pois, os referidos edictores, que o manuscripto por elles publicado, fosse noticiado aos estudiosos, com o titulo de *Relação do descobrimento da India por D. Vasco da Gama*, ou outro similhante, pelo qual titulo era conhecido na livraria de Sancta Cruz de Coimbra, onde permanecêra até ser passado para a bibliotheca do Porto, em cujo estabelecimento se conservava.

Que em vista do citado titulo, pelo qual aquelle manuscripto era conhecido na livraria de Sancta Cruz, poderia ter acontecido, que, sendo a preposição *por*, referida pelo noticiador ao substantivo *descobrimento*, fosse, pelo bibliographo a quem foi communicada a noticia, referida a D. Vasco, resultando d'aqui, pelo equivoco da construcção grammatical, ser este personagem considerado como auctor da citada *Relação*.

Conclue-se, portanto, das investigações a que procederam os eruditos edictores do *Roteiro* ja citado, que o verdadeiro auctor d'elle, foi Alvaro Velho [51], o qual ia na armada que foi ao descobrimento da India.

Talvez alguns nos taxem de prolixos, em consequencia de darmos aqui ésta noticia bibliographica; porém, nós julgâmos este nosso trabalho algum tanto proveitoso, por isso que, ainda em 1859, lemos no n.º 28 do *Archivo Pictoresco*, em um artigo que tracta da biographia de D. Vasco, as seguintes palavras:

«..... Deixou escripta uma relação da sua viagem á India no anno de 1497.» (!)

FIM

NOTAS

I

Os curiosos aponctamentos, que em seguida transcrevemos, foram-nos enviados pelo sr. dr. José das Neves Gomes Elyseu, actual juiz de direito em Torres-Novas, que visitou a villa de Sines, em 1848.

Agradecemos a este sr., o especial obsequio que nos fez, e sentimos extremamente não podêrmos transcrever aqui por extenso os alludidos aponctamentos; porém o systema summario que seguimos no presente opusculo, a isso nos constrange.

Diz, pois, o sr. dr. Neves Elyseu, fallando da casa que víra em Sines, que a tradição constante affirma ter sido aquella em que nascêra e vivêra D. Vasco:

«Não se eleva essa casa a mais da altura de um primeiro andar, com uma unica porta larga, terminando em fórma ogival. Tudo é tôsco.

«Ou fosse desatêrro obrigado pela necessidade do nivelamento do caminho, modernamente operado, ou fosse da primitiva traça da obra, é certo que na parte exterior, existe uma elevação entre o caminho e a porta, especie de balcão, for-

mando como prolongamento de vestibulo de mesquinha construcção.

«A fachada d'este acanhado edificio não offerece outra coisa notavel.

. . . . . .

«Deixando a tradicional morada de D. Vasco da Gama, seguindo o mesmo caminho, vae-se á capella de N. Sr.ª das Salas.

. . . . . .

«Entrando na capella, do lado direito, está pendente, em conveniente altura, o retracto, perfeitamente moldurado, de D. Vasco da Gama, em meio corpo. Parece me que todo o quadro não chega a ter um metro. Admirei-o.

«Quando indaguei, fui informado, por pessoa competente, que existia o quadro n'aqnelle logar, por offerecimento e cuidado do ex.mo Jacintho Paes de Mattos Falcão, cavalheiro estimavel, com o qual tive relações; foi antigo desembargador. Ja não vive. Estou em que se empenhára em ser o retracto obra perfeita, e com admiravel similhança.

«Excellente pensamento. Bem está certamente n'esse logar o retracto do varão illustre, que ennobreceu a sua patria, enchendo o mundo de admiração, e que, com a submissão e humildade christans, se prostava ante a Virgem, implorando o seu auxilio.

. . . . . .

«Quando D. Vasco, como almirante, partia em a armada para a India, e quando voltava, sempre á vista da capella de N. Sr.ª, fazia jogar a artilheria, annunciando *salvas*, que despertava a

gente, que clamorosa correspondia ás *salvas* com *vivas a N. Sr.ª*.

«D'ahi vem dizer-se, com todo o fundamento, que a invocação primeira era de N. Sr.ª das *Salvas*. Ésta tradição assenta no facto historico, de accôrdo com a feição religiosa dos tempos, e distinctamente do nauta portuguez: em quanto que o titulo de N. Sr.ª das *Salas*, como agora se diz, não tem significação.»

No que diz respeito á casa, que a tradição affirma ter sido onde nascêra e vivêra D. Vasco, se é que ainda existe — ¿ não sería rasoavel que o govêrno a comprasse, afim de ser conservada como monumento historico?

Assim o julgâmos; no entanto ésta nossa lembrança de nada servirá: e, na primeira occasião propicia, a casa sera demolida, perdendo-se d'este modo mais um monumento, que recorda as nossas passadas glórias.

N'este paiz tudo é assim; e para não citarmos mais exemplos, diremos unicamente que, em Lisboa, ha uma egreja incompleta, que pela sua magnificencia torna-se digna de ser visitada, — ¡que serve de armazem de arrecadação do arsenal do exército!

Alludimos á egreja vulgarmente conhecida pela denominação de — *obras de Sancta Engracia*

Em quanto ao anno em que nasceu D. Vasco, se dermos credito ao testimunho do padre Carvalho (*Chorogr. portug.*, tom. 2.º, pag. 482), tinha D. Vasco 28 annos de edade, quando D. Manuel o escolheu para a empreza do descobrimento da India; logo, effectuando-se aquelle a-

cto em 1497, abatendo n'este algarismo 28 annos, ve se que D. Vasco nascêra em 1469.

2

Livro das obras de Garcia de Resende, cap. 145.

3

Citado *Livro*, no mesmo logar; *Vida y acciones del rey don Juan el segundo*, por D. Agostinho Manuel e Vasconcellos, liv. 5.°, pag. 261; e *Histor. genealog.* por Sousa, tom. 3.°, pag. 113.

Quintella (nos *Annaes da marinha*) ignorou es tes serviços prestados por D. Vasco no tempo de D. João II; pois que tractando da nomeação d'aquelle capitão para a empreza da descoberta da India, alludindo ao logar em que Castanheda diz que D. Vasco — «tinha feyto muyto seruiço a el-Rey dom Ioão» — confessa que esses serviços— *não os achára em escriptor algum* (!). — Eis o trecho a que alludimos:

«Eu desejaria que Castanheda individuasse aqui os serviços anteriores de Vasco da Gama, *que não achei em escriptor algum* (!); ao mesmo tempo que me parece evidente que elle os tinha feito; porque não é provavel que el-rei escolhesse para commandar similhante expedição, em que todo Portugal tinha os olhos, a um homem noviço nas artes nauticas, existindo um Bartholomeu Dias.» (Vidè o tom. 1°. dos *Annaes da marinha*, pag. 230, not. 1.)

4

Vasconcellos, *Vida y acciones del rey don Juan*, liv. 5.º, pag. 263.

5

Goes, *Chronica de el-rei D. Manuel*, 1.ª part., cap. 23.

6

Barros, 1.ª dec., liv. 4.º, cap. 1.º; Goes, *Chronica de el-reî D. Manuel*, 1.ª part., cap. 23; e Faria e Sousa, *Asia*, tom. 1.º, part. 1.ª, cap. 4.º

Castanheda, discorda dasopiniões de Barros, Goes, e Faria e Sousa, que temos citado, pois que dizendo estes que D. Manuel commettêra a realisação da empreza a D. Vasco, Castanheda declara que el-rei chamára a Paulo da Gama, a quem propozera levar a cabo a descoberta da India, mas que este se escusára, sob pretexto de doença, e dissera a el-rei que seu irmão D. Vasco, era competente para tal feito, ao que el rei annuíra.

Gaspar Correia, diz que D. Vasco fôra encarregado por D. Manuel, para o fim de que se tracta, que lhe preguntára se tinha algum irmão, e havida a resposta, lhe dissera que chamasse Paulo da Gama para ir em sua companhia, escolhendo D. Vasco o navio que mais lhe agradasse em que levaria sua bandeira. Que D.

Vasco lhe respondêra, que visto seu irmão ser mais velho, sería justo que elle levasse a bandeira, ao que el-rei, mostrando praser, lhe dissera, que *se ordenasse como quizesse, mas que seu coração n'elle descansava*; que a elle D. Vasco so daria o mando, e por isso elegesse capitão para o outro navio. Que então D. Vasco lhe ponderára que seu irmão andava escondido, em rasão de um ferimento que se fizera ao juiz de Setubal, em que lhe davam culpa, e que por isso, sem perdão de el rei, não poderia ir. Que então D. Manuel lhe dissera que lhe perdoava, havendo elle perdão das partes.

Que D. Vasco logo escrevêra a seu irmão, dando-lhe conta do occurrido; e que este, obtendo o perdão, se apresentára a el-rei, que o recebeu com as maiores demonstrações de estima.

Barros, Goes, e Faria e Sousa, dizem que D. João II, projectando mandar descobrir a India, nomeára Estevão da Gama, pae de D. Vasco, capitão-mor da armada. Vidè—1.ª dec. da *Asia*, liv. 4.º, cap. 1.º; *Chronica de el-rei D. Manuel*, 1.ª part, cap. 23; e *Europa portugueza*, tom. 2.º, part. 4.ª, cap. 1.º Porém, Garcia de Resende, declara que D. João II nomeára D. Vasco. Vidè—*Livro das obras* etc. cap. 205.

7

Barros, 1.ª dec., liv. 4.º, cap. 1.º; e Goes, *Chronica de el-rei D. Manuel*, 1.ª part., cap. 23.

8

Vidè a nossa *Notícia sôbre a vida e escriptos do infante D. Henrique*, pag. 15.

9

Lamentâmos que a parte do convento, onde se achava estabelecida a casa-pia, tenha sido arreada, quasi até aos alicerces, pedra por pedra, e feita de novo, em vez de restaurada, como entendemos deveria ser.

Extremamente nos custou, quando soubemos que tinham sido apeadas as magnificas janellas conventuaes, que ornavam aquella parte do convento; as quaes attestavam a majestade do fundador a par do estylo architectonico, de que os portuguezes se deveriam jactar de terem inventado.

Felizmente uma d'aquellas janellas acha-se hoje no museu archeologico da associação dos architectos, em rasão de ter sido para alli requisitada pelo digno presidente da mesma associação o sr. Joaquim Possidonio Narciso da Silva.

Em quanto á demolição da parte do convento, que devéras deplorâmos, não faremos aqui mais reflexões, por este não ser logar adaptado para ellas; e mesmo porque, se se terminar a obra, (permitta-se-nos usar da locução de que se serviu um eximio portuguez, ainda que em assumpto diverso)—*ella fallará por si.*

10

Roteiro da viagem de Vasco da Gama pag. 1 da 2.ª edição.

O visconde de Santarem, na *Notícia dos manuscriptos*, que existem na bibliotheca de Paris, elogia a exacção de um codice, que alli se achava, por fixar a partida do D. Vasco no dia 2 de junho (!). Vidè a citada *Notícia* a pag. 75 da 1.ª edição, ou a pag. 94 da 2.ª.

11

Vidè o citado *Roteiro*, pag. 1.

12

Barros, 1.ª dec., liv. 4.°. cap. 2.°; e *Histor. do descobrim. e conq. da Ind.*, por Castanheda, liv. 1.°, cap. 2.°.

Conforme diz este escriptor, o navio S. Gabriel era de 120 tonnelladas, e o S. Raphael, de 100. Estes navios foram feitos no tempo de D. Manuel, com a madeira mandada cortar por D. João II, a João de Bragança, *moço do monte*. O Berrio era uma caravela de 50 tonnelladas, que tomou este nome por assim se chamar o piloto a quem pertencia e fôra comprada. A nau dos mantimentos, era de 200 tonnelladas, e foi comprada a um Aires Correia. — *Histor. da Ind.*, liv. 1.°, cap. 1.° e 2.°

O auctor do *Roteiro* concorda com o que escreveram Barros, e Castanheda, no que diz respeito ao numero das embarcações; — pois declara, a pag 1, que os navios eram quatro. Em quanto aos nomes, ainda que não enumera o d'aquelle em que ia D. Vasco, pois que o designa por — *nau* ou *navio do capitão mor*, cita o Berrio, o S. Raphael, e a nau dos mantimentos.

Gaspar Correia, porém, nas *Lendas da India*, discorda da opinião de todos os escriptores, começando por dizer que os navios eram tres, a que dá os nomes de S. Miguel, S. Gabriel, e S. Raphael, (cap. 6. do tom. 1.º); depois declara que D. Vasco ia no navio S. Raphael (citado logar), contra a opinião geral, inclusivè a do auctor do *Roteiro* *, a qual, a nosso ver, merece incontestavelmente o maior credito; visto que o auctor do *Roteiro*, foi testimunha ocular de quasi tudo o que relata: por isso, diligenciaremos seguil-o no tocante á róta de D. Vasco.

13

Barros, 1.ª dec., liv. 4.º, cap. 2.º O mesmo

* Para o leitor se convencer qual é a opinião do auctor do *Roteiro*, bastará citar os seguintes trechos: «..... achámos.... huma praya em a quall espalmámos o navio Berrio, e o *navío do capitam moor: o Rafaell* nom foy a monte etc., (pag. 95); — «.... tiraram lhes *da Rafaell* e da *nao do capitam moor.*» (Pag. 96.)

escriptor, na referida decada, no liv. 5.°, cap. 1.°, diz que foram — «obra de cento & sessenta homems.» Os diversos escriptores discordam sôbre o número de pessoas; nós, porém, optámos pela quantidade declarada no texto d'este opusculo, por reflexionarmos que os escriptores que declaram serem 148 pessoas, deixaram de incluir o número de degradados que iam a bordo, destinados a ficar em diversas localidades.

14

Roteiro, pag. 2; Barros, 1.ª dec., liv. 4.°, cap. 2.°; e Castanheda, *Histor. da Ind.*, liv. 1.°, cap. 2.°

15

Alguns escriptores teem confundido ésta angra com a ilha de Sancta-Helena, que foi descoberta, como é sabido, em 1502 por João da Nova. Citaremos alguns d'elles: — Sousa, na *Histor. genealog.*, tom. 3.°, pag. 168; Barbosa, na *Biblioth. lusit.*, tom. 3.°, pag. 773; Sebastião Francisco Mendo Trigoso, na *Memoria sôbre Martim de Bohemia*, tom. 8.° das *Memor. de litt.* da academia, pag. 371, not. 1; e ultimamente o auctor do artigo publicado no n.° 3612 do *Jornal do Commercio* de 1 de novembro de 1865, sob o titulo — *Vasco da Gama e Fernando de Lesseps*, onde chama á referida angra — «ilha deserta, que depois acquiriu uma celebridade bem triste (a ilha Sancta-Helena)» (!). Vidè a

nossa rectificação ao citado artigo, no n.º 3615 do referido periodico.

16

Roteiro, pag. 6; onde o auctor d'elle, relatando o caso que descrevemos no texto d'este opusculo, não concorda com as opiniões dos diversos escriptores que o historiaram.

17

Roteiro, pag. 8

Gaspar Correia, é o unico escriptor antigo que declara que a equipagem dos navios, projectára conspirar-se contra D. Vasco. O mesmo escriptor, diz que este capitão, fôra d'isto avisado por Nicolau Coelho, e que descobrindo os auctores da projectada sublevação, os mandára carregar de ferros. *Lend. da Ind.*, tom. 1.º, cap. 8.

18

Roteiro, pag. 15.

19

Roteiro, pag. 17.

Castanheda declara que este era o rumo, onde, segundo as instrucções que levava D. Vasco, devia jazer a India. *Histor. da India*, liv. 1.º, cap. 4.º

20

¿Sería a 10 ou a 11? — O dia de quinta-fei-

*

ra, n'aquelle anno, não caiu a 10, como diz o auctor do *Rot·iro*, mas sim a 11; de onde se infere, que, ou o citado auctor errou no dia da semana, isto é, querendo escrever *quarta-feira*, escrevêra *quinta*, ou então enganou-se no dia do mez, escrevendo 10 em vez de 11. Não é so n'este logar que elle incorre n'estas faltas.

Castanheda commette o mesmo êrro. *Histor. da Ind.*, liv. 1.°, cap. 4.°

Barros (na 1.ª dec., liv. 4.°, cap. 4.°), não so se engana declarando que a 6 de janeiro fôra descoberto o rio de Cobre, mas confunde-o com o dos Reis.

Em identica confusão caiu D. Francisco de S. Luis, no *Indice chronologico*, pag. 83.

21

D. Vasco levava em sua companhia treze homens, em cujo número entrava o auctor do *Roteiro*, como elle mesmo confessa a pag. 54 do mesmo. Porém, Castanheda, não concorda com o citado auctor, em quanto ao número de pessoas, pois em vez de dizer *treze homens*, diz *doze*, (liv. 1.°, cap. 16). N'este número entravam segundo Castanheda: — o escrivão Diogo Dias; Fernão Martins o lingua; o vedor de D. Vasco; João de Sa; um marinheiro chamado Gonsalo Pires; Alvaro Velho *, e Alvaro de Braga.

* Vidè pag. 23 d'este opusculo.

22

O auctor do *Roteiro* não nos declara os seus nomes; porém, Castanheda, diz que um era o feitor Diogo Dias, e o outro, o escrivão Alvaro de Braga. *Histor. da Ind.*, liv. 1.°, cap. 22.

23

«..... o capitam mor mandou hum serviço d'alanbares a elrey e tambem lhe mandou coraees e outras cousas muitas,.....» *Roteiro*, pag. 78.

24

Um *bahar*, equivalia a quatro quintaes do nosso pêso. Vidè — *Histor. da Ind.*, liv. 1.°, cap. 23, pag. 51 da 2.ª edic., (1554); e a *Navegação de Pedro Alvares Cabral*, na *Collecção de notícias* da academia, tom. 2.°, n.° 3, pag. 135.

25

Cada *xerafim*, valia 300 réis. *Histor. da Ind*, liv. 1.°, cap. 23, pag. 51.

26

O conteudo na carta, que copiámos do *Roteiro* (pag. 84), tambem é mencionado por Cas-

tanheda (liv. 1.°, cap. 24, pag. 53), notando-se apenas alguma differença na redacção.

27

Era Alvaro de Braga. *Histor. da Ind.*, liv. 1.°, cap 24, pag. 53.

28

O *Roteiro* allude a *fevereiro*, mas pela sua leitura conhece-se evidentemente, ou que foi engano do auctor, ou êrro de impressão. Os edictores do mesmo *Roteiro*, nada declaram.

29

1.ª dec., liv. 4.°, cap. 11.

30

Chron. de el-rei D. Manuel, 1.ª part., cap. 44.

31

Barros, no logar citado na nota 29, diz que Nicolau Coelho quizera voltar atraz, em procura de D. Vasco, mas que el-rei não consentíra.

32

Castanheda, concorda com Barros e Goes, que citámos nas notas 29 e 30, divergindo comtudo no que diz respeito á causa da separação de Nicolau Coelho; pois declara que D. Vasco, navegando para a ilha de Sanct'Iago, se apartára d'elle, em uma noite, Nicolau Coelho; o qual foi caminho de Portugal, afim de dar a nova do descobrimento da India, a D. Manuel, e ganhar as alviçaras; que chegando Nicolau Coelho a Cascaes, a 10 de julho, e sabendo que el-rei se achava em Cintra, para alli partíra; dando conta a D. Manuel de todo o succedido durante a viagem. *Histor. da Ind.*, liv. 1.°, cap. 28. Em quanto a D. Vasco, o citado Castanheda referindo-se ao que aquelle capitão passára depois da separação de Nicolau Coelho, concorda com o que dizem Barros, e Goes, excepto na data em que D. Vasco chegou a Lisboa, — pois declara que foi em septembro de 1499. Citada obra, liv. 1.°, cap. 29.

Gaspar Correia, é de opinião diversa da de todos os escriptores, pois diz que no fim de agosto, surgiram os portuguezes no porto de Angra, onde morreu Paulo da Gama, e alli foi enterrado no mosteiro de S. Francisco; que d'aquelle porto *foram muitos navios em companhia das naus, que todos chegaram junctos a Lisboa, que foi em dezoito dias de septembro do anno de 499. Lend. da Ind.*, tom. 1.°, cap. 21, pag. 137.

Segundo o mesmo escriptor. a notícia do descobrimento da India, foi dada a el-rei D. Ma-

nuel, por um Arthur Rodrigues, o qual se achava no porto de Angra, a bordo de um seu caravelão, prestes para ir ao Algarve. O mesmo Arthur, vendo entrar os navios que vinham da descoberta da India, fez-se á vela, e, passando por entre elles, preguntou aos que n'elles iam, de onde vinham. Obtida a resposta, voltando para Lisboa, entrou em Cascaes, e partindo para Cintra, onde lhe tinham dicto que el rei se achava, deu-lhe a nova d'aquella descoberta. *Lend.*, tom. 1.°, cap. 22, pag. 138.

Sousa, na *Histor genealog*, diz que D. Vasco chegára a Lisboa — a 10 de julho (!) de 1499. — Vide o tom. 3.° a pag. 168.

33

A cópia d'esta carta, acha-se inserta no *Appendice ao Roteiro*, pag. 169.

34

Barros, 1.ª dec., liv. 4.°, cap. 11; e Castanheda, *Histor. da Ind.*, liv. 1.°, cap. 29.

35

Barros, 1.ª dec., liv. 6.°, cap. 2.°; Goes, *Chron. de el rei D. Manuel*, 1.ª part., cap. 68; e Castanheda, *Histor. da Ind.*, liv. 1.°, cap. 44.

36

Vidé a nota antecedente.

37

« ..... someteo *(el rei de Quiloo)* a noso seruiço e obydiencia e o ffez per força nosso trebutario em *myll e quinhentos miticaees douro em cada huum anno.....* » Vidè a cópia da carta régia dada em Lisboa, a 20 de fevereiro de 1504, no *Appendice* ao *Roteiro*, pag. 175. Veja-se, outro sim, a *Navegação ás Indias Orientaes*, escripta por Thomé Lopes, inserta na *Collecção de notícias*, publicada pela academia, tom. 2.º, n.º 5; onde, a pag. 169 se le, que el-rei de Quiloa enviou a D. Vasco, «*mil meticaes de ouro.....* depois mandou *os quinhentos* que restavam..... » etc.

A maneira circumstanciada e natural, com que Thomé Lopes descreve a entrega d'este tributo, no logar alludido, e alem d'isso por se conformar com a cifra citada na carta régia, tira-nos a dúvida, que aliás poderamos ter, vendo que o mesmo Lopes, a pag. 168 fallando d'aquelle tributo, diz que era de quatrocentos ou quinhentos pesos por anno; e declarar Barros, na 1.ª dec., liv. 6.º, cap. 3.º, que o tributo fôra de quinhentos meticaes.

38

Goes, *Chronica de el-rei D. Manuel*, 1.ª

part , cap. 68 ; e Castanheda, *Histor. da Ind* , liv. 1 °, cap. 48.

Barros, diz que D. Vasco chegára a Lisboa, a 10 de novembro. 1.ª dec., liv. 6.°, cap. 7.°

39

Barros, 1.ª dec , liv. 6.°, cap. 7.°; e Goes, *Chron. de el-rei D. Manuel*, 1.ª part., cap. 69. A custodia foi feita por Gil Vicente. Vidè, no tom. 2.° das *Provas* da *Histor. genealog.*, a cópia do testamento de D. Manuel, a pag. 328.

40

Vidè o *Appendice* ao *Roteiro*, pag 175.

41

Barros, 1.ª dec., liv. 4.°, cap. 11; Goes, *Chron. de el-rei D. Manuel*, 1.ª part., cap. 44; Faria e Sousa, *Asia*, tom. 1.°, part. 1.ª, cap. 4.°; e Castanheda, *Histor. da Ind.*, liv. 1.° cap. 48.

42

Em 17 de dezembro de 1519, ainda D. Vasco não era conde da Vidigueira, pois que no

preambnlo da carta régia, passada na referida data, na qual carta D. Manuel ratifica o contracto de cedencia das villas da Vidigueira e Frades por D. Jaime duque de Bragança a D. Vasco, ainda se não faz menção do titulo de conde da Vidigueira.

O contracto de cedencia das dictas villas, foi celebrado em Evora a 7 * de novembro de 1519; n'elle se estipulou D. Vasco dar ao duque D. Jaime, quatrocentos mil réis de juro, e quatro mil cruzados de ouro.

A carta de confirmação da citada cedencia, por D. João III, da qual carta, nós vimos a cópia no archivo da torre do tombo, é datada de 30 de junho de 1523. Vidè—livro 3.° da chancellaria de D. João III, fol. 171 a 171 v.°

Da referida cedencia, faz menção, ainda que de passagem, Sousa, na *Histor. genealog.*, tom. 5.°, pag 570.

43

Barros, 3.ª dec., liv. 9.° cap. 1.°; Castanheda, *Hist. da Ind.*, liv. 6.°, cap. 71; e Andrade, *Chron. de el-rei D. João III*, 1.ª part., cap. 58.

44

Barros, na 3.ª dec., liv. 9.°, cap. 2.°; Castanheda, na *Histor. da Ind.*, liv. 6.°, cap 77;

* Não a 17, como diz Pereira de Sancta Anna, na *Chron. dos carmel.*, tom. 2.°, pag. 309.

e Faria e Sousa, na *Asia*, tom. 1.º, part. 3.ª, cap. 9.º, são de opinião que succedesse a morte de D. Vasco, no dia 24; porém, Andrade, na *Chron. de el rei D. João III*, 1.ª part., cap. 64, e fr. Luis de Sousa, nos *Annaes de el-rei D. João III*, liv. 2.º, cap. 20, declaram que foi a 25.

O sr. Cunha Rivara, em um artigo inserto no *Jornal do Commercio* de 26 de fevereiro de 1859, diz que succedêra a morte de D. Vasco, a 24 ou 25 de dezembro.

45

Os mesmos escriptores citados na nota antecedente, nos logares referidos.

Cumpre-nos advertir que nas *Decadas* de Barros, tanto na edição de 1563 como na de 1628, acha se indicada a morte de D. Vasco, em 1525; o que é êrro typographico, por quanto tendo dicto aquelle escriptor, na 3.ª dec., liv. 9.º, cap. 1.º, que D. Vasco partíra para a India a 9 de abril de 1524, e declarando na mesma decada e livro no cap. 2.º, que D. Vasco vivêra na India, tres mezes e vinte dias, contando da data de 5 de septembro, que chegára a Chaul, até ao dia em que fallecêra, conclue-se que a data indicada na decada está errada.

46

D. Pedro da Silva, filho de D. Vasco, foi quem

trouxe, em a nau Rainha, a ossada d'este capitão, que foi recebida em Lisboa com grande pompa funebre

A armada, de que fazia parte a nau acima alludida, partiu de Lisboa para a India, a 11 de março de 1537, e ia n'ella Fernão Mendes Pinto. Vidè *Peregrinação de Fernão Mendes Pinto*, cap 2.º

47

O sr. abbade Antonio Damaso de Castro e Sousa, requereu ao govêrno, por várias vezes, e por último ás camaras legislativas a trasladação dos restos mortaes de D. Vasco, da egreja citada no texto d'este opusculo, para a de Belem.

Sendo remettida pelas côrtes ésta representação ao govêrno este officiou ao governador civil de Beja, afim de informar sôbre os meios de se effectuar a trasladação.

O sr. José Silvestre Ribeiro, então governador civil d'aquelle districto, informou, por officio de 8 de fevereiro de 1845, que tendo ido no dia 6, á villa da Vidigueira, visitar o jazigo de D. Vasco, o achára profanado, e que duas das pedras que cobriam a sepultura tinham sido arrancadas; as quaes mandára collocar depois de ter ordenado que se lavrasse um auto de exame, que remetteu para Lisboa, conjunctamente com um officio em que aponctava os meios que julgava necessarios para effectuar a trasladação. Vidè o opusculo intitulado—*Os dois requerimentos*, pelo sr. abbade A. D. de Castro e Sousa.

Tudo isto não passou d'aqui; — ¡ nunca mais se fallou nas representações do sr. abbade de Castro, ficando éstas sem deferimento!

Este paiz, infelizmente, é o das theorias e commissões.

48

Não se julgue que é êrro o dizermos *do lado da epistola*; pois que a sepultura não está da parte do evangelho, como dizem erradamente os nossos escriptores.

49

D. Nicolau Antonio, *Biblioth. hisp. vet.*, lib. 10, cap. 15, §. 843; *Epitome de la bibliotheca oriental y occidental, nautica y geografica*, de D. Antonio de Leão Pinelo, addicionado pelo marquez de Torre-Nueva, tom. 1.º, tit. 2.º, col. 25; e a *Biblioth. lusitan.*, por Barbosa Machado, tom. 3.º, pag. 773.

50

Vidè o prologo da 1.ª edição do *Roteiro*, a pag. XXV da 2.ª edição; e o *Diccion. bibliogr.*, pelo sr. Innocencio Francisco da Silva, tom. 7.º, pag. 404.

José Carlos Pinto de Sousa, na *Biblioth. historic. de Portug.*, a pag. 399, not. 1 da 2.ª edição, diz somente que ha tradição que D. Vasco escrevêra a sua primeira viagem.

51

Vidè o prologo da 1.ª edição, pag. XXX, do citado *Roteiro*, 2.ª edição; o *Diccion. bibliogr.*, pelo sr. I. F. da Silva, tom. 1.º, no artigo *Alvaro Velho*; e a *Bibliogr. historic. portug.*, pelo sr. Jorge Cesar Figaniere, a pag. 159, n.º 892.

FIM DAS NOTAS

AGRADECIMENTO

Cumpre-nos agradecer n'este logar aos auctores dos artigos insertos em diversos periodicos de Lisboa e das provincias, as honrosas expressões com que recommendaram ao público a nossa — *Noticia sôbre a vida e escriptos do infante D. Henrique.*

E' do nosso dever egualmente agradecer aos nossos amigos os srs. D. Diogo de Sousa Botelho de Vasconcellos, dr. José das Neves Gomes Elyseu, e José Gomes Goes, as suas valiosas coadjuvações; aos empregados da bibliotheca nacional, especialmente aos srs. Antonio da Silva Tullio, Mesquita, e continuo José Miguel; e aos da torre do tombo os srs. Netto, e Pegado, a deferencia com que nos tractaram.

Luis de Figueiredo Falcão.
Secretario da Filippe 2.º Escreveo:
ivo em que se contem toda a parenda
eal patrimonio dos reinos de Portu
Ilhas adjacentes etc. Lisboa

Vida

de Vasco

da Gama